

## Os movimentos sociais e a promoção da soberania alimentar após a chegada da Covid-19: uma revisão integrativa

*Social Movements and the promotion of Food Sovereignty after the arrival of Covid-19: an integrative review.*

**Juliana Cristina de Mello<sup>1</sup>, Deise Ingrid Schneiders<sup>2</sup>, Elizabete Buskiewicz<sup>3</sup>, Leticia da Costa e Silva<sup>4</sup>, Josimeire Aparecida Leandrini<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Brasil. Orcid: 0000-0002-2009-7394. E-mail: [org\\_trab.juliana@gmail.com](mailto:org_trab.juliana@gmail.com).

<sup>2</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Brasil. Orcid: 0000-0003-2561-3703. E-mail: [deise.schneiders@gmail.com](mailto:deise.schneiders@gmail.com).

<sup>3</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Brasil. Orcid: 0000-0002-4594-7308. E-mail: [bete\\_buskiewicz@hotmail.com](mailto:bete_buskiewicz@hotmail.com).

<sup>4</sup> Docente do DADM -UFRPE, Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. Orcid: 0000-0001-9017-4095. E-mail: [leticia.csilva@ufrpe.br](mailto:leticia.csilva@ufrpe.br).

<sup>5</sup> Docente no Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Brasil. Doutora em Ciências Ambientais pelo PEA/UEM, Maringá, Brasil. Orcid 0000-0002-2420-7116. E-mail: [jaleandrini@uffs.edu.br](mailto:jaleandrini@uffs.edu.br).

Recebido em: 29 abr. 2023 - Aceito em: 19 out. 2023

### Resumo

A intenção deste trabalho é analisar o papel dos movimentos sociais na promoção da soberania alimentar e do desenvolvimento rural sustentável a partir da chegada da pandemia da Covid-19, no Brasil, por meio de uma revisão integrativa. O número de amostras para a análise foi de 11 artigos, um baixo quantitativo que pode-se supor estar relacionado com o curto período, definido pelo início da pandemia. Na análise dos documentos recuperados pelo método percebeu-se uma diversidade de movimentos organizados a nível global, com abrangências e métodos de ação diferentes. Apesar da diversidade, grande parte deles aponta para a promoção de mudanças no sistema alimentar como forma de promoção da soberania alimentar para o período pandêmico e pós pandêmico.

**Palavras-chave:** Sistema alimentar; transformação social; doações de alimentos; fome.

### Abstract

The intention of this work is to analyze the role of social movements in promoting food sovereignty and sustainable rural development from the arrival of the Covid-19 pandemic in Brazil, through an integrative review. The number of samples for analysis was 11 articles, a low quantity that can be assumed to be related to the short period defined by the beginning of the pandemic. In the analysis of the documents recovered by the method, it was noticed a diversity of movements organized at a global level, with different scopes and methods of action. Despite the diversity, most of them point to the change of the food system as a way of promoting food sovereignty for the pandemic and post-pandemic period.

**Keywords:** Food system; social transformation; food donations; hunger.

## INTRODUÇÃO

Causada pelo coronavírus de nome SARS-CoV-2, que gera doença infecciosa em seres humanos, no ano de 2020, vê-se o advento de uma pandemia mundial, que causou a morte de milhões de pessoas. A pandemia evidenciou para a humanidade a necessidade

de ser repensado o sistema alimentar e seus sistemas de produção, demonstrando que estão diretamente ligados à saúde do meio ambiente e da humanidade. Pois através da intervenção humana nos ecossistemas, com a substituição das florestas e sua biodiversidade por monoculturas, cria-se uma interferência no surgimento de novas doenças (Wallace, 2020).

Além da doença, o Covid-19 também protagonizou cenas como a fome e as mudanças climáticas, temas que estão diretamente ligados à produção de alimentos. Diante desse cenário, a agroecologia vem como um modelo de agricultura, uma alternativa a esse sistema de produção convencional, que explora e destrói os recursos naturais. A agroecologia é considerada uma base científica para uma agricultura alternativa, que depende dos conhecimentos locais e de pouco insumos externos, reciclando nutrientes e conservando a biodiversidade, dentro e fora das unidades de produção, com potencial para produzir alimentos saudáveis nos seus territórios, atendendo as comunidades rurais e urbanas (Altieri, 1983; Wezel e Soldat, 2009). É também categorizada como prática e movimento, desafia a construção de uma nova proposta para o campo em contraposição ao modelo agroquímico/industrial, visando estabelecer interações positivas no meio ambiente, e entre as pessoas na sociedade. Incorpora as dimensões: ecológica e técnico-econômica, socioeconômica e cultural, e sociopolítica (Fayad *et al.* 2019).

A agroecologia é uma agricultura socialmente mais justa, economicamente viável, ambientalmente mais saudável (Altieri e Nicholls, 2020). Portanto, é preciso avaliar que as consequências causadas pelas crises climáticas, oriundas do sistema alimentar, serão muito graves e tendem a agravar a questão da insegurança alimentar. A agroecologia trabalha na perspectiva de promover agroecossistemas mais resilientes, autossuficientes, por meio dos conhecimentos tradicionais e camponeses, resgatando e conservando o solo e a agrobiodiversidade (Altieri e Toledo, 2011).

As iniciativas agroecológicas constroem autonomia frente a mercados desfavoráveis, restauram solos degradados, bem como proporcionam alternativa para a organização e autonomia dos camponeses (as) e agricultores (as) (Rosset e Martínez-Torres, 2012). Evidenciando a sua capacidade de auto-organização, que na proposta de soberania alimentar, parte do princípio de que todos possuem direito a uma alimentação adequada,

quando possuem esses alimentos para autoconsumo e posterior escoamento (Guzmán e Montiel, 2010).

Assim sendo, é de muita importância pensar o papel da agroecologia no avanço da soberania alimentar dos povos. A soberania alimentar garante o

[...] direito de cada povo de definir suas próprias políticas agropecuárias e, em matéria de alimentação, de proteger e regulamentar a produção agropecuária nacional e o mercado interno, a fim de alcançar metas de desenvolvimento humano sustentável (Sosa *et al.*, p. 30, 2012).

Costa (2021) elucida que o conceito de soberania alimentar deve considerar a articulação entre a base material, seja ela alimentar, genética, energética, hídrica e territorial e a base social, seja ela econômica, política, cultural, ambiental e social, bem como as dimensões prático-política e utópica. E, fundamentalmente, a soberania alimentar é construída por meio dos atores, contribuindo para a autonomia dos processos de emancipação social.

Os movimentos sociais são ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas para que a população se organize e expresse suas demandas, desde denúncias, pressão direta e pressões indiretas. “[...] possuem identidade, têmpositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade” (Gohn, 2011, p.336).

Na prática, a soberania alimentar é promovida por movimentos camponeses que lutam contra as desigualdades no campo, por acesso a terra e políticas públicas, e são quem faz na prática a produção agroecológica de alimentos (Martínez-Torres e Rosset, 2014). Historicamente, é possível observar que os movimentos sociais estiveram presentes de diversas maneiras na marcha e resistência da história brasileira, com agrupamento de camponeses, éticos religiosos e também de escravizados (Gunder Frank, 1989).

A práxis da soberania alimentar dos movimentos sociais se baseia na autonomia dos agricultores familiares, para que se tornem protagonistas de sua própria história, definidos pelo papel que desempenham dentro das suas organizações, associações, cooperativas, etc. Com isso, o compromisso da agroecologia com a soberania alimentar se mantém, promovendo ferramentas para o desenvolvimento rural sustentável.

A discussão em torno dos alimentos saudáveis realizada pelos movimentos sociais camponeses da Via Campesina, envolve as formas de produção em respeito à natureza, sem a utilização de insumos artificiais que causem efeitos nefastos na saúde humana em sua produção e processamento; envolve também hábitos de consumo e preparo de alimentos de formas saudáveis, que correspondam às necessidades nutricionais do corpo humano, bem como relações de trabalho justas (MST, 2015). Problemática que a utilização dos agrotóxicos na agricultura, pode causar doenças para quem produz e para quem consome, além de que, o meio ambiente recebe essa substância, e altera-se negativamente. Meio ambiente doente, também é sinônimo de pessoas doentes, desde uma perspectiva holística evidenciada pela discussão agroecológica (Vargas e Silva, 2016).

Parte importante da saúde humana está relacionada ao que se come, e o que se come na atualidade, possui um viés político que precisa ser refletido. A luta dos movimentos sociais pela expansão da pauta da alimentação saudável e a agroecologia para a sociedade é fundamental.

Diante desse cenário, este estudo busca analisar, por meio de uma Revisão Integrativa, a atuação dos movimentos sociais ligados ao campesinato a nível mundial, na promoção da soberania alimentar e do desenvolvimento rural sustentável no contexto da pandemia da COVID-19. Tem-se como hipótese que a agroecologia, construída e praticada pelos movimentos sociais, colabora na construção da soberania alimentar, por meio da *práxis* social dos camponeses organizados, a partir das estratégias territoriais desde o início da Pandemia do Covid-19.

Para tanto, essa investigação será apresentada seguida de um primeiro tópico constando o detalhamento da metodologia empregada; um segundo que traz os resultados e discussão, em que são realizadas análises bibliométricas e de conteúdo; e um último tópico com as considerações finais.

## **METODOLOGIA**

A metodologia desenvolvida neste trabalho baseou-se no procedimento de revisão integrativa de literatura. Souza, Silva e Carvalho (2010), explicam que este

procedimento possibilita uma compreensão completa do fenômeno analisado, uma vez que “combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular” (Souza; Silva e Carvalho, 2010, p.103). Sendo assim, trata-se de um procedimento importante na construção do conhecimento científico, na organização e discussão de um assunto de pesquisa.

Para a realização da revisão integrativa são dispostas uma sequência etapas e técnicas pré-definidas, passíveis de reprodução (Botelho; Cunha e Macedo, 2011). Inspirado pelos autores, apresenta-se na sequência as especificidades metodológicas deste trabalho.

Na primeira etapa da metodologia definiu-se a questão problema: "Qual o papel dos movimentos sociais na promoção da soberania alimentar e do desenvolvimento rural sustentável, a partir da chegada da pandemia do COVID-19 no Brasil?". Esta pergunta foi organizada em um formato que contenha população, exposição e resultado ou PEO, conforme recomenda o documento *Guidelines and Standards for Evidence synthesis in Environmental Management. Version 5.0*. (Diretrizes e Padrões para Síntese de Evidências em Gestão Ambiental - versão 5.0) (CEE, 2018).

A população é definida pelos sujeitos da pesquisa, neste caso é composta pelos movimentos sociais. Já a exposição ou intervenção é a ação que se pretende avaliar, na questão problema definida, “a promoção da soberania alimentar e do desenvolvimento rural sustentável a partir da chegada da pandemia do COVID-19, no Brasil”. O resultado é obtido a partir da definição de “qual o papel” da população na exposição (CEE, 2018).

Para responder a questão problema por meio de uma revisão integrativa estabeleceu-se uma estratégia de busca, “[...] que define-se como uma técnica ou como um conjunto de regras que torna possível o encontro entre uma questão formulada e a informação armazenada em determinadas bases de dados” (Botelho; Cunha e Macedo, 2011, p.130). Nessa estratégia define-se o *string* de busca (junção dos descritores e operadores

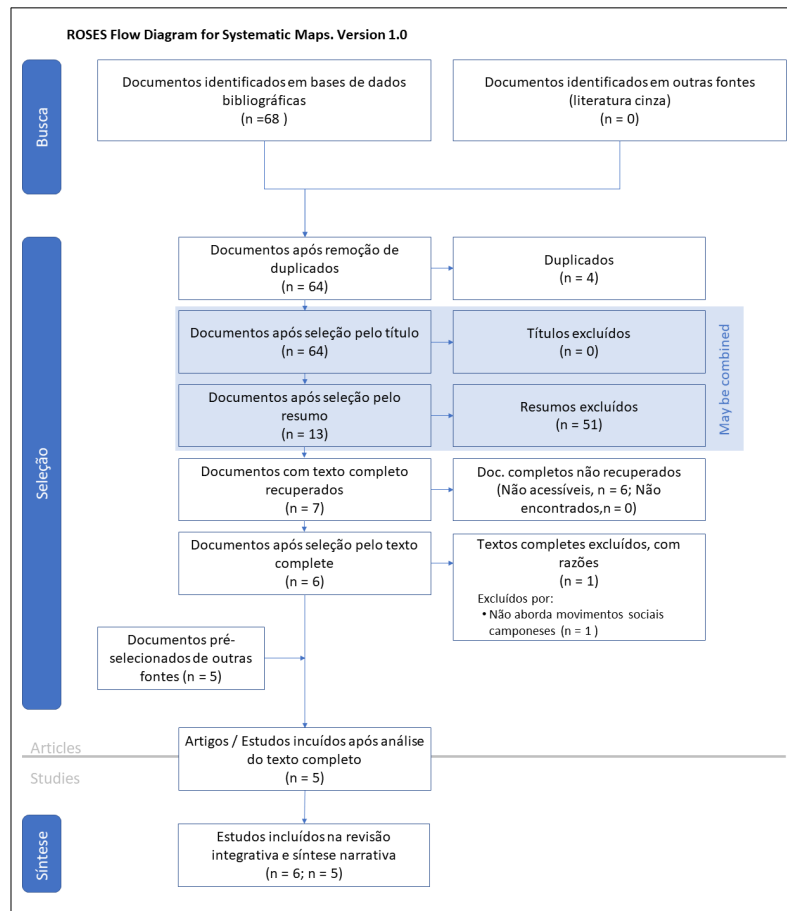
booleanos) e os filtros de busca nas bases em que os trabalhos serão procurados (CEE, 2018).

O *string* de busca foi estabelecido da seguinte forma: ("*movimento\* sócia\**" OR "*social movements*" OR "*movimientos sociales*") AND ("*soberania alimentar*" OR "*food sovereignty*" OR "*soberanía alimentaria*") AND ("*Covid-19*"), e considerou-se a produção científica entre março de 2020, início da pandemia, até abril de 2022. Foram pesquisados artigos por meio de ferramentas de busca disponíveis nas plataformas do Portal de Periódico Capes, Portal da Capes de Teses e Dissertações, Repositório da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), nos idiomas português, inglês, e espanhol.

Na segunda etapa da metodologia estabeleceu-se os critérios de inclusão e exclusão a fim de selecionar os materiais que seriam utilizados na construção do artigo. Os critérios de inclusão foram: abordar a perspectiva do campesinato; mencionar a soberania alimentar; estabelecer relação com o desenvolvimento rural sustentável. Os critérios de exclusão foram: tratar somente de movimentos sociais urbanos; não relacionar as discussões trazidas à questão da pandemia da Covid-19.

Na terceira etapa, foram identificados, selecionados e pré-selecionados os estudos que seriam utilizados. A **Figura 1** apresenta o Diagrama de Roses, que resume o processo de triagem, elegibilidade e inclusão dos artigos para essa revisão.

Nessa busca, foram recuperados 68 artigos, dos quais foram excluídos 4 artigos duplicados, 6 artigos de conteúdo não acessível ou não encontrados, e 51 artigos que após a leitura do título, palavras-chaves e resumo, não abordaram a Covid-19, os movimentos sociais camponeses, a soberania alimentar, ou uma perspectiva de desenvolvimento rural sustentável. Dos 13 artigos que restaram, foram excluídos 6 artigos por não possuírem textos completos disponíveis. Dos 7 artigos restantes, um deles foi excluído após a leitura do texto completo, por não tratar de movimento social camponês. Desta forma, obteve-se o resultado final de 6 artigos.



**Figura 1.** Diagrama de Roses.

**Fonte:** Elaborado a partir do *template* do diagrama ROSES (Haddaway *et al.* 2018).

Dado o baixo quantitativo de artigos recuperados por meio do procedimento acima explícito, optou-se pela inclusão de mais 5 artigos de conhecimento das próprias autoras, alguns provindos de literatura cinza. Após a releitura desses materiais, concluiu-se que os artigos atenderam a todos os critérios de inclusão, inserindo-os neste estudo. Com essa complementação, a pesquisa reuniu o total de 11 artigos.

Na quarta etapa, ocorreu a categorização dos estudos selecionados. Ressalta-se a importância de se utilizar nesta fase, instrumentos que possibilitem analisar separadamente cada artigo, tanto em termos metodológicos, quanto em relação aos seus resultados, que permitam a síntese dos artigos, salvo quando suas diferenças (Botelho; Cunha e Macedo, 2011).

Esse processo contou com a construção de duas matrizes de síntese criadas pela ferramenta de Planilhas do *Google Drive*, em formato de tabelas. Uma delas com os dados bibliométricos considerados mais pertinentes para a temática (título, tipo de publicação, ano, autores, instituição de filiação, população, tipo de estudo, local de abrangência da pesquisa, ferramentas de coletas de dados, países de publicação da pesquisa, nome do meio de divulgação). A outra, com os resultados das pesquisas, que após leitura e discussão de todos os textos pelas autoras, foram organizados em categorias analíticas com as questões mais recorrentes no conjunto dos artigos, os quais contribuem para responder a pergunta da pesquisa. As categorias definidas são: movimentos sociais, camponeses, soberania alimentar, agroecologia, Covid-19. Após uma leitura seletiva, extraiu-se as informações para a matriz de síntese.

Na quinta etapa, foi realizada a análise e discussão dos resultados (Botelho; Cunha e Macedo, 2011). Em relação aos dados bibliométricos, além de discutir sobre os dados organizados na tabela de matriz síntese, ocorreu a criação de infográficos, com auxílio das ferramentas *Canva* e *VosViewer*, que situam a distribuição geográfica dos locais de pesquisa, as populações pesquisadas, os termos em comum mais utilizados, e as revistas de origem, facilitando assim a apresentação e análise dos mesmos.

No que tange a resposta à pergunta desta pesquisa, foi realizada uma análise de conteúdo a partir das categorias analíticas. Nos baseamos em Bardin (1977), quando ela se refere ao método de análise temática, como meio de identificar, analisar e relatar os padrões de temas dentro dos dados, para que sejam organizados e descritos de forma detalhada, levantando uma totalidade dos seus aspectos abordados. Nesse sentido, é importante pensar no significado do tema. A autora define o tema como:

[..] a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que servem de guia à leitura. O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados, e em proposições, portadores de significações isoláveis (Bardin, 1977, p.105).

O tema irá funcionar como uma regra de recorte, e muitas vezes, como uma unidade de registro. Sendo assim, fazer uma análise temática, é descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, entendendo que a presença ou a frequência de aparição podem significar coisas importantes para o objetivo do trabalho (Bardin, 1977).



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões propostas neste artigo perpassam relações específicas dos temas com a temporalidade de instauração da pandemia da Covid-19, portanto, as pesquisas que constam nesta revisão bibliográfica são dos anos de 2020, 2021, e 2022. Esse recorte de período, supostamente, influenciou o baixo quantitativo de artigos inseridos no estudo.

Em relação às áreas de pesquisas que esse conhecimento tem sido elaborado, destaca-se a divulgação em meios que trazem a proposta de abordagem multidisciplinar e das ciências humanas e sociais.

A revista MDPI (*Multidisciplinary Digital Publishing Institute*) representa a origem de 3 dos artigos escolhidos, os demais artigos foram publicados em revistas e meios de divulgação distintos entre si. Já se destaca aqui a perspectiva multidisciplinar do tema em análise, uma vez que desequilíbrios ambientais (pandemia da Covid-19) são relacionados com outras formas de produção e saúde das comunidades rurais (agroecologia e soberania alimentar).

Percebe-se uma produção de pesquisas considerável na disciplina de Geografia, que representa diretamente 3 das revistas. Pode-se interpretar essa presença mais expressiva, dado as preocupações da geografia com as transformações do espaço rural, sendo que, os movimentos sociais são agentes importantes da realidade agrária, em especial na América Latina (Montenegro, 2010).

Outro aspecto que os dados bibliométricos revelam, é a espacialização da produção de conhecimento desta relação entre temáticas a nível mundial apresentada na **Figura 2**, que identifica a distribuição da origem geográfica dos trabalhos recuperados.

A maioria dos artigos, 7 deles, têm como locus de pesquisa países da América Latina, e 2 deles países da Europa. Nos trabalhos mais abrangentes, um estuda a América Latina e outro faz uma análise global. Alguns dos artigos ainda delimitam mais a área, nos exemplos do Brasil, um dos artigos apresenta um estudo de caso do estado do Paraná e outro sobre São Paulo.



**Figura 2.** Infográfico de distribuição geográfica dos locais de pesquisa dos artigos selecionados.

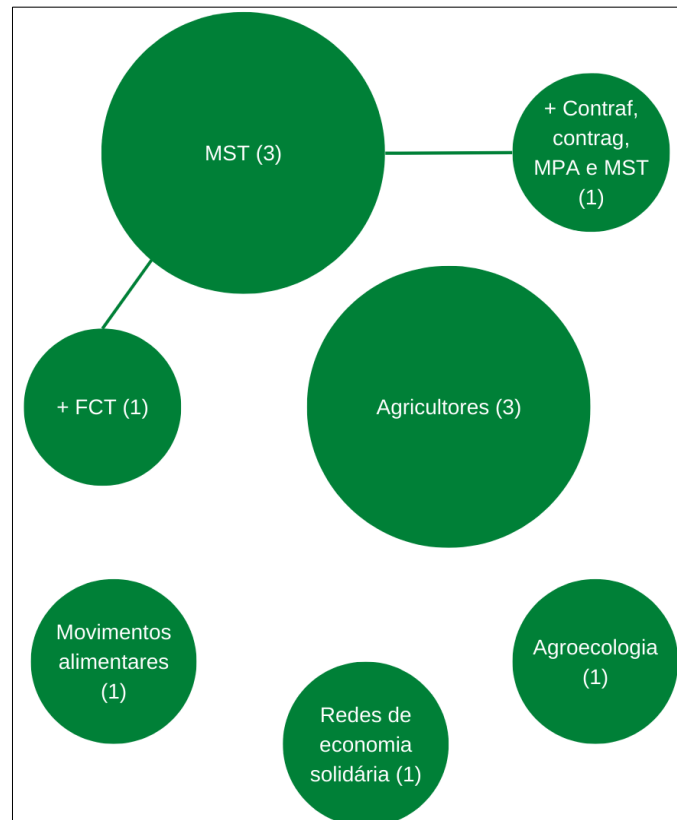
**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2022).

Essa predominância de produção desenvolvida na América Latina das temáticas aqui relacionadas, pode se explicar pela maior presença de movimentos sociais camponeses em termos de quantidade e expressivas intervenções sociais (Fernandes, 2008).

As populações pesquisadas no interior de movimentos sociais camponeses, são tratadas e classificadas por meio de distintas terminologias. Para visualizar melhor essa heterogeneidade de sujeitos, demonstra-se o infográfico exposto a seguir (**Figura 3**), com as respectivas denominações e sua proporcionalidade nos artigos.

A população mais frequente nos trabalhos analisados é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). São 3 artigos que abordam apenas esse movimento e outros 2 falam dele juntamente com outros movimentos, sendo estes outros: o Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), em um artigo; e os movimentos Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar no Brasil

(Contraf), Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (Contag) e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), em outro. Assim sendo, 45% dos trabalhos têm em sua população o MST diretamente relacionado.



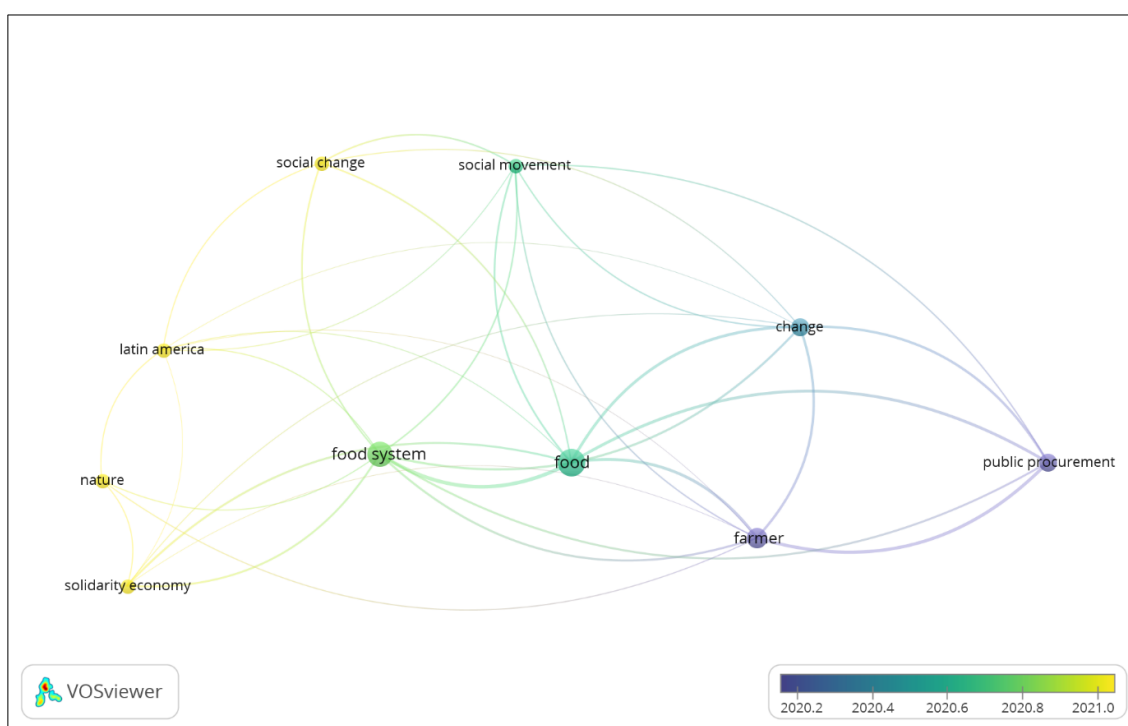
**Figura 3.** Infográfico das populações pesquisadas nos artigos escolhidos.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2022).

O MST, que “[...] historicamente constrói iniciativas de soberania alimentar e propostas políticas para a resolução de problemas estruturais de nossa sociedade” (Oliveira; Mello; Silva, 2022, p.197), destaca-se nesse cenário pelas ações concretas de solidariedade na pandemia, em especial na doação de alimentos, e pelo lançamento do plano emergencial de reforma agrária popular. Esse programa “[...] subsidia quais deveriam ser as ações urgentes a serem tomadas neste momento, inclusive provocando o debate sobre as medidas a serem adotadas pelo estado brasileiro” (Oliveira; Mello e Silva, 2022, p.197).

Outra população bastante frequente é a de agricultores, presente em 3 dos artigos selecionados, o que não foge da normalidade, quando se analisa os Movimentos Sociais do campo. Além disso, outros trabalhos têm populações mais específicas, sendo movimentos alimentares, redes de economia solidária e o movimento agroecológico.

A **Figura 4**, a seguir, busca identificar os termos em comum entre os artigos analisados, que sintetizam e refletem o que será abordado quando ocorrer a discussão dos resultados mais adiante.



**Figura 4.** Mapa sistemático de rede de termos em comum.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2022).

A rede formada apresenta as expressões movimentos sociais e soberania alimentar, que estavam presentes no *string* de busca da pesquisa, e os termos comida, sistema alimentar e agricultores, os quais podem ser considerados termos alternativos aos descritores utilizados, não apresentando, com isso, novidade.

Contudo, é interessante o vínculo desses temas com os termos transformação e transformação social, o que pode estar relacionado com a forma de ação que movimentos sociais desempenham na sociedade. Esses grupos organizados evidenciam

em suas ações durante a pandemia que para além da resolução de um problema imediato e urgente, é necessário transformar os sistemas alimentares para garantir uma vida digna para a população. Mais do que remediar, a busca é por mudar sistemas, para garantir autonomia e dignidade das pessoas.

Além disso, outra expressão presente é a economia solidária, que é um conceito pertinente nos movimentos sociais, como perspectiva de desenvolvimento da sociedade. Ela considera a solidariedade como base nas relações, o que é evidente em momentos como os citados e pesquisados nesse estudo. Os termos natureza e agricultor surgem na rede, algo interessante, considerando que o desenvolvimento dessa profissão, que deveria prezar por uma relação próxima com o meio ambiente, a cada dia se distancia mais no modelo de agricultura predominante vigente. Porém, como a base da agricultura nesses movimentos pesquisados é a agroecologia, é possível que isso justifique uma reaproximação.

A América Latina está contemplada por ser o território onde se desenvolvem muitas ações, e onde se organizam muitos movimentos sociais camponeses. O termo compras/licitações públicas, ferramentas para solucionar problemas relacionados à soberania alimentar, através da produção e principalmente distribuição de alimentos saudáveis.

Ao olhar para o conteúdo dos artigos selecionados, buscou-se destacar os resultados que enfatizaram as contribuições dos camponeses organizados para a promoção da soberania alimentar e do desenvolvimento rural sustentável a partir da chegada da pandemia do COVID-19, no Brasil. Essas contribuições são mensuradas nesse trabalho, tanto do ponto de vista das ações concretas, quanto do ponto de vista de proposições políticas relacionadas a projetos de campo e de sociedade.

A ideia de camponeses aqui é compreendida nas terminologias de agricultores, ou então, como sujeitos das populações identificadas pelas suas respectivas organizações, sejam elas ligadas à agroecologia, à redes de economia solidária, à fóruns, à confederações, e a movimentos sociais, desde que exista uma concepção popular de atuação.

“O período da pandemia reforça a necessidade de olharmos para as situações de escandalosa concentração de riqueza, para as desigualdades sociais e para as catástrofes ecológicas produzidas pelo modelo de desenvolvimento moderno” (Wedig e Ramos, 2020, p.45). De acordo com Altieri e Nicholls (2020):

A covid-19 expôs a tragédia da pecuária animal e das monoculturas sem fim, que levam a perdas dramáticas de biodiversidade, obesidade, desnutrição, desperdício de alimentos e condições de trabalho terríveis para trabalhadores migrantes, e minaram os meios de subsistência de pequenos agricultores (Altieri e Nicholls, 2020, p.893).

Nesse sentido, Levidow, Sasolo e Schiavinatto (2021) discutem que esse modelo, é vivenciado pelos camponeses como um obstáculo, e até mesmo como uma ameaça.

Dado esse fator de maior evidenciação das contradições desse modelo de produção, os movimentos sociais encampam um conjunto de reivindicações relacionadas às políticas públicas de Estado, visando em apoiar outras formas de se fazer agricultura, que se demonstram mais sustentáveis do ponto de vista ambiental, e mais justas do ponto de vista social.

Levidow, Sasolo e Schiavinatto (2021), assim como Rossi, Coscarello e Biolghini (2021), trazem o conceito de inovação dos movimentos sociais no que refere à promoção da agricultura de base agroecológica, com papel transformador, prefigurando futuros alternativos.

Scheuer (2021) apresenta a importância da valorização do trabalho desenvolvido pelos agricultores familiares na produção de alimentos com diversidade, inclusão social e respeito ao meio ambiente, em contraste com o agronegócio, que produz insumos e é base da economia do atual sistema capitalista.

Dado isso, ressalta-se a importância de que o poder público reconheça suas responsabilidades, em legitimar e criar políticas públicas efetivas para a ampliação dessas práticas, que valorizem e fortaleçam os agricultores, devolvendo com eles, o protagonismo por um desenvolvimento sustentável e resiliente no campo (Levidow, Sasolo e Schiavinatto, 2021; Rosso e Adanella, 2021; Engelmann, 2020; Ross *et al.*, 2020; Carvalho *et al.*, 2022).

O tema da alimentação saudável é considerado um setor estratégico em tempos de pandemia, em especial, para garantir alimentação adequada e saúde para a população. Ele é abordado desde uma perspectiva de valores sociais que ressignificam as práticas de alimentação para além de uma forma instrumentalizada que se consome para fins de nutrição humana, mas visando um redesenho das estratégias alimentares, promovido a partir de sistemas democráticos de participação popular, da escala da produção, até o acesso desses alimentos pelas pessoas, baseando-se em relação justas e ecológicas (Rossi; Coscarello e Biolghini, 2021; Motta, 2021; Carvalho, 2022; Scheuer, 2021).

Conforme apontam Burigo e Porto (2019) o tema da alimentação saudável tem sido fundamental para a aproximação entre saúde e agroecologia, em função das relações de produção de conhecimento, políticas públicas e luta contra a fome. Com a internalização do paradigma agroecológico por movimentos sociais camponeses, ocorre o comprometimento desses sujeitos com a temática da saúde coletiva, ao passo que, os mesmos, provocam os grupos que debatem saúde coletiva na sociedade para assumirem e construir suas pautas em intersecção com a questão agrária e agrícola.

As escalas de discussões em que se percebe a intermediação dos movimentos sociais no tema da soberania alimentar são diversas (Rossi; Coscarello e Biolghini, 2021). Uma delas ressalta a relevância da garantia de territórios camponeses por meio de reforma agrária, para que a produção esteja nas mãos dos pequenos produtores e assim, se possa garantir o fornecimento de alimentos em mercados locais a preços justos. Terra e território são os espaços que geram renda, a partir de práticas como os quintais produtivos e a diversificação da produção de maneira geral, já que é ela que fornece alimentos em períodos de crise (Felix *et al.* 2021; Engelmann, 2021; Altieri e Nicholls, 2020; Wedig e Ramos, 2020). “[...] uma das principais áreas de mudança das políticas públicas pós covid-19, para impactar diretamente nas desigualdades subjacentes do sistema agroalimentar global dominante” (Altieri e Nicholls, 2020, p.893).

Para Ploeg (2008), a atuação dos camponeses distingue-se das demais formas de fazer agricultura, por basear-se na intensificação do trabalho familiar, na diversificação da produção, na baixa disponibilidade de terras e na menor dependência de recursos externos. Evidencia-se a resiliência dos camponeses diante dos impérios alimentares,

considerados um modo de ordenamento territorial global sustentado por estratégias de absorção das riquezas produzidas por outrem.

Burigo e Porto (2021) destacam a relevância da agroecologia incorporada à prática camponesa, diante do desafio da promoção de sistemas alimentares sustentáveis que assegurem soberania alimentar, que possibilitem a mitigação das mudanças climáticas e a preservação da biodiversidade. Essa reflexão, em contexto da covid-19, amplia a análise de um conceito de pandemia, para o conceito de sindemia, em que duas ou mais doenças interagem agravando os problemas de saúde, sendo que, “[...] compartilham de determinantes socioambientais comuns, e exercem uma influência mútua em sua carga de saúde para a sociedade” (Burigo e Porto, 2021, p. 4420); e se aproxima da discussão de vulnerabilidade, utilizada para analisar as consequências e impactos mais graves em determinadas populações, frente a eventos de características similares como desastres e epidemias.

O potencial de transformação social dos movimentos sociais e iniciativas alimentares se relaciona com as prioridades políticas definidas por eles, e, segundo Motta (2021), é necessária uma construção com solidariedade de gênero e até relações interespecies, classes, antirracista, novas relações respeitadas para um sistema alimentar alternativo e contra hegemônico.

A relação entre campo e cidade, leia-se, produtores e consumidores, e o exercício de solidariedade entre ambos, sobretudo, por meio da doação de alimentos, é também uma das estratégias ressaltadas nos artigos. As doações ocorreram focalizadas em grupos sociais que vivem em vulnerabilidades que precedem a pandemia e que se agravaram com ela (Carvalho *et al.*, 2022; Wedig e Ramos, 2020; Engelmann, 2020).

As iniciativas como doações de alimentos, campanhas e planos voltados à promoção da soberania alimentar realizadas pelos movimentos sociais no Brasil, representam além de tudo uma esperança de transformação real a partir da população organizada, nesse contexto de medo e de sofrimento que se encontrou o país nesse período pandêmico (Ross *et al.*, 2020).



Rojó *et al.* (2020) e Carvalho *et al.* (2022) reiteram que as ações dos movimentos sociais na pandemia, no que tange à questão da soberania alimentar, foram múltiplas e com potencial de caráter transformador. Em Rojo *et al.* (2020), em Scheuer (2021), e em Altieri e Nicholls (2020) a análise de sistemas alimentares não pode ser feita desvinculada da análise de seus principais agentes. É nesse quesito que se encontra o indicativo de que os agricultores organizados em movimentos sociais devem ser as lideranças dos processos de transição para sistemas alimentares mais sustentáveis, considerando o fato de que já estão envolvidos e protagonizando essa construção de territórios agroecológicos, saudáveis e sustentáveis (Rojo *et al.*, 2020; Scheuer, 2021; Altieri e Nicholls, 2020).

Resta saber, de acordo com Altieri e Nicholls (2020) se a pandemia que tanto expõe a urgência dessas transformações, fornecerá impulso para que essas ações aconteçam.

## CONCLUSÕES

Esse artigo tratou sobre a atuação dos movimentos sociais ligados ao campesinato a nível mundial, na promoção da soberania alimentar e do desenvolvimento rural sustentável em um contexto de pandemia da COVID-19. A metodologia de revisão integrativa empregada, demonstrou um baixo quantitativo de elaborações que relacionem essas temáticas, o que pode ter sido ocasionado pelo recorte de tempo determinado pelo advento da pandemia.

Durante a análise bibliométrica tecida nos 11 artigos selecionados para estudo, percebe-se uma produção de conhecimento nas temáticas com abordagens multidisciplinares e das ciências humanas e sociais, em especial, a geografia; localização em sua maioria na América Latina e com presença mais expressiva de movimentos sociais camponeses. Em relação às populações pesquisadas, existe uma heterogeneidade de sujeitos no interior dos movimentos sociais, classificados por meio de distintas terminologias, identificadas pelas suas respectivas organizações, sejam elas ligadas à agroecologia, à redes de economia solidária, à fóruns, à confederações, e aos movimentos sociais.

Por meio da análise de conteúdo é possível mensurar as contribuições dos movimentos sociais para a soberania alimentar e o desenvolvimento rural sustentável, tanto do ponto de vista das ações concretas, quanto do ponto de vista de proposições políticas relacionadas a projetos de campo e de sociedade.

A Covid-19, relacionada enquanto sindemia, expôs de forma mais expressiva as contradições do sistema capitalista de produção no campo. Nesse cenário, os movimentos sociais assumem um conjunto de reivindicações relacionadas às políticas públicas, visando apoiar outras formas de se fazer agricultura de base agroecológica. Afirmam-se a responsabilidade do Estado em criar e ampliar políticas que fortaleçam o pequeno produtor, devolvendo a eles o protagonismo dessas práticas.

A questão da alimentação saudável é considerada um setor importante para os movimentos sociais em tempos de pandemia, implicando em ressignificar práticas de alimentação e em redesenho de estratégias alimentares baseadas em relações justas e ecológicas, de produção e acesso.

A soberania alimentar, é vista atrelada ao tema da reforma agrária para garantir acesso a terra e território aos camponeses e propiciar geração de renda com práticas de diversificação da produção, a fim de atenuar as desigualdades sociais e aumentar a resiliência em momentos de crise. Enquanto categoria também social, implica na relação com um complexo composto e a “relação dos homens com a natureza exige, com absoluta necessidade, a relação entre os homens” e, em razão disto, “a vida social compreende uma grande diversidade de atividades voltadas para atender às necessidades que surgem por meio do desenvolvimento das relações dos homens entre si” (Lessa, 2012, p. 25).

As práticas de solidariedade dos movimentos sociais em período de pandemia estreitaram as relações entre campo e cidade, em especial com a doação de alimentos, que representam uma esperança de transformação real a partir da população organizada.

Portanto, reitera-se que os movimentos sociais como principais agentes de mudanças em curso, devem participar da liderança nos processos de transição para sistemas alimentares mais sustentáveis.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à docente Janete Stoffel e a mestranda Giulia Gentilini, integrantes do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, pelas contribuições realizadas para a efetivação de nossa pesquisa, em especial, diante das orientações e auxílios técnicos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Copyright (©) 2023 Juliana Cristina de Mello, Deise Ingrid Schneiders, Elizabete Buskievicz, Leticia da Costa e Silva, Josimeire Aparecida Leandrini

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel A. **Agroecology**: The Scientific Basis of Alternative Agriculture. Berkeley, CA: University (ANA). 1983. 162p.
- ALTIERI, Miguel A. TOLEDO, Victor. M. A Revolução Agroecológica na América Latina: Resgatando a Natureza, Garantindo a Soberania Alimentar e Empoderando os Camponeses. **Jornal de Estudos Camponeses**. v.38, p.587–612, 2011.
- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara I. Agroecology and the reconstruction of a post-COVID-19 agriculture. **The Journal of Peasant Studies**, v. 47, n. 5, p. 881-898, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03066150.2020.1782891>. Acesso em 07 de junho de 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição 70. Lisboa: Presses Universitaire de France, 1977.
- BOTELHO, Louise L. R.; CUNHA, Cristiano C. A.; MACEDO, Marcelo. O método de revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Revista Gestão e Sociedades**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p.121-136, 2011. Disponível em: <https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1220>. Acesso em: 21 jun. 2022.
- BURIGO, André Campos; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Agenda 2030, saúde e sistemas alimentares em tempos de sindemia: da vulnerabilização à transformação necessária. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n° 26, p. 4411-4424, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.13482021>. Acesso em: 04 out. 2023.
- BURIGO, André Campos; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Trajetórias e aproximações entre a saúde coletiva e a agroecologia. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v.43, n. especial 8, p.248-262, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S818>. Acesso em: 04 out. 2023.
- CARVALHO, Priscila D. *et al*. **Sistemas alimentares em disputa**: respostas dos movimentos sociais à pandemia Covid-19. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37, n. 108, e3710808. 2022.

COLLABORATION FOR ENVIRONMENTAL EVIDENCE (CEE). **Guidelines and Standards for Evidence synthesis in Environmental Management**. Version 5.0. PULLIN, Andrew S; FRAMPTON, Geoff K; LIVOREIL, Barbara; PETROKOFISKY, Gillian (Ed.), sl: sn, 2018. Disponível em: <https://environmentalevidence.org/wp-content/uploads/2022/10/CEE-Guidelines-Version-5.0-051022.pdf>. Acesso em: 19 out 2023

COSTA, Joaquim. G. **Soberania alimentar: dimensões material, prática - político e utópica**. - 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2021. 766 p. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/handle/1/14845>. Acesso em: 18 nov. 2022.

ENGELMANN, Solange I. As representações sobre a produção de alimentos durante a pandemia da COVID-19 no site do MST. VIII Seminário Internacional de Pesquisa em Mídias e Cotidiano, **Anais...** Rio de Janeiro : Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: [http://designnleitura.net.br/8sipmc/files/gt1\\_022\\_18101.pdf](http://designnleitura.net.br/8sipmc/files/gt1_022_18101.pdf). Acesso em: 18 nov. 2022.

FÉLIX, Griselda K. G. *et al*. Backyard Agricultural and Farm Activity as an Option of Socioeconomic and Food Improvement in the Rural Towns of the Municipality of Guasave, Sinaloa. **MDPI Sustainability**, v. 13, n. 7, p. 3606, 2021. Disponível em: [https://mdpi-res.com/d\\_attachment/sustainability/sustainability-13-03606/article\\_deploy/sustainability-13-03606-v3.pdf?version=1617362788](https://mdpi-res.com/d_attachment/sustainability/sustainability-13-03606/article_deploy/sustainability-13-03606-v3.pdf?version=1617362788). Acesso em: 17 jun. 2022.

FAYAD, Jamil Abdalla *et al*. **Sistema de Plantio Direto de Hortaliças (SPDH): método de transição para um novo modo de produção**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2019. 431p.

FERNANDES, Bernardo M. (Org.). **Campesinato e agronegócio na América Latina: a Questão agrária atual**. São Paulo: Clacso - Editora Expressão Popular, 2008. 425p.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Rev. Bras. Educ.**, v. 16, n. 47, p; 333-361, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

GUNDER FRANK, Fuentes. Dez teses acerca dos movimentos sociais. **Lua Nova**, n.17, p.18-48, 1989.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla; SOLER, Marta Maria. Agroecologia e soberania alimentar: alternativas à globalização agroalimentar. In: INSTITUTO ANDALUZ DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO (Ed.), **Patrimônio cultural na nova ruralidade andaluza**. Sevilha: Junta de Andaluzia. Conselho de Cultura p. 191-217, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11441/88458>. Acesso em: 07 jul. 2022.

HADDAWAY, Neal R. *et al*. Padrões ROSES para Sínteses Sistemáticas de Evidências: *pro forma*, diagrama de fluxo e resumo descritivo do plano e conduções de revisões sistemáticas e mapas sistemáticos. **Evidencias Ambientais**. Artigo 7, 2018.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. 3. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. 255p. Disponível em: <https://beneweb.com.br/resources/O%20MUNDO%20DOS%20HOMENS%20Trabalho%20e%20ser%20social.pdf>. Acesso em: 04 out. 2023.

LEVIDOW, Les; SANSOLO, Davis; SCHIAVINATTO, Mônica. Agroecological innovation constructing sociocultural order for social transformation: two case studies in Brazil. **Tapuya: Latin American Science, Technology and Society**, v. 4, n. 1, p. 1843318, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/25729861.2020.1843318>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

MARTINEZ-TORRES, Maria. E; ROSSET, Peter. M. Diálogo de saberes in La Vía Campesina: food sovereignty and agroecology. **The Journal of Peasant Studies**, v. 41, n. 6, p. 979-997, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03066150.2013.872632>. Acesso em: 119 out. 2023.

MONTENEGRO, Jorge. Conflitos pela terra e pelo território: ampliando o debate sobre a questão agrária na América Latina. In: SAQUET, Marcos A.; ALVES, Roseli A.. **Geografia Agrária, território e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, p.13-34, 2010.

MOTTA, Renata. Social movements as agents of change: Fighting intersectional food inequalities, building food as webs of life. **The Sociological Review**, v. 69, n. 3, p. 603-625, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/00380261211009061>. Acesso em 17 de junho de 2022.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Alimentação Saudável: Um direito de todos**. 1º ed. Boletim da Educação, nº 13, São Paulo: MST – Setor de Educação, 2015.

OLIVEIRA, Ana Paula dos santos.; MELLO, Juliana Cristina; SILVA, Paulo Henrique Campos. A Fome no Brasil: Políticas Públicas Vs. Ações de Solidariedade em tempos de pandemia. In: SOARES, Elis Regina Arévalos; CONRADT, Michel. Willian. **I Mostra de Pesquisa Jurídica, Ações Afirmativas e Produções Científicas**. Curitiba: Res Pública, 2022, p. 182-208.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 372p.

ROJO, Marian S. *et al.*. Public food procurement as a driving force for building local and agroecological food systems: Farmers' skepticism in Vega Baja del Jarama, Madrid (Spain). **MDPI Land**, v. 9, n. 9, p. 317, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/land9090317>. Acesso em 17 jun. 2022.

ROOS, Djoni; *et al.* Protagonismo da reforma agrária no Paraná em época de pandemia: as ações de solidariedade do MST em fatos e fotos. **Geografia em Questão**, v. 13, n. 3, p.179-201, 2020. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/25971>. Acesso em: 07 jul. 2022.

ROSSET, Peter.; MARTINEZ-TORRES, Maria. E. Rural Social Movements and Agroecology: Context, Theory, and Process. **Ecology and Society**, v. 17, n. 3, p. 01-12, 2012. Disponível em: <https://www.ecologyandsociety.org/vol17/iss3/art17>. Acesso em: 19 mai. 2022.

ROSSI, Adanella; COSCARELLO, Mario; BIOLGHINI, Davide. (Re) Commoning Food and Food Systems. The Contribution of Social Innovation from Solidarity Economy. **MDPI Agriculture**, v. 11, n. 6, p. 548, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-0472/11/6/548>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SCHEUER, Miranda. Theoretical discussions around family producers in a post-pandemic Uruguay/ Discusiones teoricas alrededor de los productores familiares en un Uruguay pós pandêmico/Discusiones teóricas ao redor dos produtores familiares em um Uruguai pós-pandêmico. **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 15, n. 1, p. 152-163, 2021. Disponível em: <http://revista.ufr.br/rga/article/view/7087>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SOSA, Machín *et al.* **Revolução Agroecológica: O Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba**. São Paulo: Outras Expressões, 2012. 152p.

SOUZA, Marcela T.; SILVA, Michelly D.; CARVALHO, Rachel. Revisão Integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. v. 8, n. 1, p. 202-206, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em:16 jun. 2022.

VARGAS, Maria Cristina; SILVA, Nivia R. (Org). **De onde vem nossa comida?** Caderno de Educação em Agroecologia. São Paulo: Expressão Popular, 2016. 80p.

WALLACE, Rob. **Pandemia e Agronegócio: Doenças infecciosas, capitalismo e ciência**. São Paulo: Editora Elefante, 2020. 608 p.

WEDIG, Josiane C.; RAMOS, João D. D.. Resistências camponesas em tempos de pandemia. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 8, n. 1, p. 41-47, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18904>. Acesso em 26 de junho de 2022.

WEZEL, Alexander; SOLDAT, Virginie. Uma Análise Histórica Quantitativa e Qualitativa da Disciplina Científica da Agroecologia. **International Journal of Agricultural Sustainability**, v. 7, n. 1, p. 03–18. 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/209780545\\_A\\_quantitative\\_and\\_qualitative\\_historical\\_analysis\\_of\\_the\\_scientific\\_discipline\\_agroecology](https://www.researchgate.net/publication/209780545_A_quantitative_and_qualitative_historical_analysis_of_the_scientific_discipline_agroecology). Acesso em: 18 nov. 2022.